

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

RIO DE JANEIRO

GARTE DA NOTICIAS, 7, R. do Ouvidor.
Assinatura 100.
ANNO CORRENTE 12.000
Semestral 6.000
ANNO PORTUGUÉS 14.000
ANNUAL 500

1º Anno. — Volume 1. — Número 2.

PARIS 20 DE MAIO DE 1884

Director : Maturano PINA, 7, rue de Parme.

LISBOA

Davin Coimbra, 42, R. da Atalaya.
Assinatura 100.

| | |
|------------|-------|
| ANNO | 1.400 |
| SEMIESTRAL | 7.300 |
| TRIMESTRAL | 600 |
| ANNUAL | 100 |



ALEXANDRE DUMAS, PARIS

Autor do romance actualmente em escena no Teatro de Paris.

SUM MARIO

Texto *Chronica*, por Mariano Pina. — As nossas gravuras: Alexandre Dumas pere; Edmond de Goncourt; Onde nasceu e onde morreu Gambetta; No dia do verão passado; Nampião...; Modidade! O dr. Ferreira d'Arroio; No Tonkin: Annamitas assobiando para chamar o vento, Chines sobre o «juncos»; O Simeon. — O dedal de grata, por François Coppée; Noivas e impressões; Petes, por Jules e Edmond de Goncourt; Théâtre por J. M. Natafriado... (poesia) por Jayme de Segular.

GRAVURAS: Alexandre Dumas pere; Edmond de Goncourt. — A casa onde nasceu Gambetta. — No dia do verão passado...; Nampião... por Giacometti. — Modidade! por Van Beurs. — Dr. Ferreira d'Arroio. — A casa onde morreu Gambetta. — No Tonkin: Annamitas assobiando para chamar o vento, Chines sobre o «juncos»; O Simeon.

CHRONICA

—
Há dois séculos pelo menos que o mundo inteiro admite sem discussões uma lenda que deseja passar no *estado* de verdade e ao *estado* de axioma, e que diz assim — *Paris é a terra onde melhor se fabrica o raso*.

Em todo o século XVIII os franceses passaram a sua vida a conversar com M^{me} de Nesle e com a Pompadour, a fazer *phrases* pelos salões dourados e vastos das Tuiléries e pelos velludos de relva dos jardins de Versailles, onde ha satyros que nos espreitam e que riem com o sorriso branco dos marmores por detrás das ramas dos castanheiros — para provarem as gentes que só elles tinham *graca*, e que para além da França as sociedades matavam o seu tempo aborrecendo-se e abrindo a boca. E apareceu Beaumarchais para confirmar a coisa, e hoje a *graca* parece ser feita exclusivamente de barro frances. Os ingleses, de quando em quando, pela boca de *Punch* ainda protestam contra semelhante lenda. Mas o *Punch* não tem razão — porque não tem bom banto. A Gra-Bertatina não precisa de mais prova, porque foi elle quem inventou o *beret*. Mas *coisa* ainda não ha melhor no mercado do que a francesa, a que se encontra à venda por toda a parte, em S. Francisco e em Edimburgo, e que só se fabrica entre o *Cafe de la Paix* e o restaurante do *Providence*, quasi sempre as horas em que toda a Europa honesta dorme.

Mas se *Paris é a terra onde melhor se fabrica o raso*, é necessário também que todo o mundo saiba e que todo o mundo comprehenda que — *Lisboa é a terra onde melhor se fabricam as coisas que falam rígi*

— Uma das grandes causas que levaram Lisboa ate a fabricação verdadeiramente indígena de coisas *ridículas*, tendo mais originalidade e mais aspeto primitivo que a própria louça das Caldas e a louça preta d'Aveiro, é a preponderância da imbecilidade insolente nos negócios da terra, obriguando os espíritos sensatos a afastarem-se — deixando o campo livre a todos os banaus, a todos os idiotas, a todos os insignificantes que se mettem em tudo e que tudo «comunicam».

Presentemente em Lisboa raras são os

individuos que se acham nos lugares que de direito lhes competem;

e são principalmente os governos que se encarregam de colocar os supatairos nos lugares dos alfaixes e vice-versa.

De modo que um sensato e pacífico morador da Baixa que assista, sem alterar o seu sangue-frio, a tanta irregularidade e a tanto desconchavo, no dia em que precisar d'um par de botas não sabe ao certo a quem se ha de dirigir — se ao sr. Nunes Almeida, se ao tribunal da Boa-Hora, se à secção geodésica, se à Paderia Militar!...

— Se semelhante torre de Babá existe entre Alcantara e Xabregas a culpa é da Política que estrangulou completamente um pouco de iniciativa particular, que ainda havia, para ser a rainha absoluta de tudo quanto respira e vive pelas imediações de S. Bento, pelas imediações do Castello.

Em todos os países livres as eleições, por exemplo, são a expressão da confiança que cada partido merece aos seus concidadãos. No anno de 88 o partido monarchico em França mostrou-se mais sério, mais digno, mais bem preparado para todas as luctas. Em 4 de maio de 1884 fazem-se as eleições municipais em Paris, e o povo de Paris elege um numero rascavalo de conservadores, pela simples e assaz eloquente razão de que lhe mereceram mais confiança que centos candidatos republicanos.

Em França é o povo que eleige os deputados. Pode o governo apresentar quantos candidatos quizer — só serão eleitos se merecerem as sympathias dos eleitores. Em Portugal os deputados são eleitos pelo partido que está no poder;

A Gamara chama-se ironicamente a representação nacional;

aos deputados os representantes do povo quando elles representam simplesmente a vontade e a influencia monetaria do chefe n.º 1, ou do chefe n.º 2, ou do chefe n.º 3.

Não é uma camara — é uma confraria!

— Os governos lembraram-se um dia de socorrer a arte portuguesa, de ouvir todas as notóres a *Somnambula*, e de possuir gratis um camarote em S. Carlos. Sobretudo de possuir gratis um camarote! E como em Portugal se não sabe que destino dar a tanto dinheiro que aninha as arcas do tesouro, dia se todos os annos 25 contos de reis para que vengham italiani a Lisboa deliciar os ouvidos de Suas Excelências Ministros, — enquanto os pintores portugueses que ilustram em França e Itália o nosso paiz produzem trabalhos de primeira ordem, tem que viver em Paris com pensões miseráveis;

enquanto ha musicos do mais subido valor que esperam pelo apparecimento d'um particular que lhes faca a esmola de os mandar estudar na Alemanha ou na Itália;

enquanto ha actores de talento que não tem dinheiro para vir estudar a Paris os grandes actores como Coquelin, Got, Delaunay, Mouret-Sully, quando o teatro este sendo uma das mais belas manifestações artísticas do Portugal contemporâneo.

— Se ha um só homem na terraundi- gema que percebe de belas artes, e se alguma academia precisa d'um director, os governos não hesitam um só momento, nem tem

mesmo que hesitar! — Preferem a esse homem um outro a quem causa enorme confusão de espírito: « o facto estranho e inaudito de haver pintores que pintam sobre madeira, enquanto ha outros que pintam sobre tela ».

Ou ainda:

« o facto estranho e inaudito de haver pintores que só sabem pintar animais, enquanto ha outros que só sabem pintar marinhas ».

— Se ha necessidade de se fundar uma cadeira de Esthetica (o lugar que em Paris é ocupado pelo professor Taine, o primeiro critico d'arte do nosso tempo) e se ha um homem só, ou mesmo dois, ou mesmo trez, que exercem em Portugal o oficio de criticos, conhecendo toda a arte antiga e toda a arte moderna, os governos não hesitam um momento.

Põem de parte os homens que estão naturalmente indicados pelos seus importantes trabalhos, e vão deitando o olho para o afilhado que no cortiço do Terreiro do Paço amansaria, sabendo curvar a espinha diante da figura arrogante dos deputados que chegam para falar ao chefe, sabendo usar a tempo um *bastardinho* nistido quando tem de fechar os ofícios, escrevendo :

Deus guarde a V. Ex^a.

um manso arranço calligraphico, digno dos famosos Carlos Silvas, que se encarregam em 12 lições e pelo modico preço d'uma libra de nos roubar o que nos temos de mais característico, de mais individual — a nossa letra!

— Se os governos desejam ter um commissario régio junto do theatro normal para vigiar attentamente na escolha das peças, quer sejam originais, quer sejam traduções, se deseja ter um homem que resolva todas as dificuldades, que saiba criticar, dirigir, ensinar, aconselhar, que faça em Lisboa o que faz em Paris, na *Comédie Française*, o sr. Emile Perrin, — os governos escolhem sempre um excelente e bondoso cavalheiro que muito se recommendava para aquele lugar, por não perceber nada de theatros, por não saber absolutamente nada de literatura dramática!

— Simplificemos:

Um dia ha de vir em que os governos em Portugal se hão de apoderar de tudo, asenhorear de tudo,

Nesse dia cada cidadão para lavar a cara, terá necessidade de ir ao Terreiro do Paço pedir licença ao sr. Presidente do Conselho, como nos collegios os rapazes pedem licença ao professor para ir a *la grava*.

Nesse dia a confusão ha de ser geral. Não de mandar o poeta Luiz Palmeirim dirigir as manobras para Tancos;

e o alfaiate Keil dar lições de patologia na Escola medical...

— Uma das razões que me levaram a classificar Lisboa — *a terra onde melhor se fabricam as coisas que falam rígi* — foi o escândalo *hi-poco*, sucedido nas cadeias do Lameiro, tentando os prezos assassinar o director, escândalo que foi comunicado

telegraphicamente uns jornais de Paris pela *Hans*.

Francamente nadu ha de mais comum nem de mais ridículo do que os scens que nesses ultimos tempos se tem repetido na prisão cadeia do paiz.

Até hoje — que me conste! — ainda ninguem pôde negar que as cadeias não sejam casas expressamente feitas para guardar patifes, atendendo a que os jardins são feitos quasi sempre para regalo das pessoas de bem, ou d'aqueles que o mostram ser, listarei em erro...

Uma cadeia, em toda a parte onde uma cadeia é construída para ser unicamente cadeia — uma cadeia em Paris é uma casa guardada por um alto muro, espesso e negro onde se não rasgou uma única janela, onde não pode penetrar o olhar d'um curioso que passa. Quando a Justiça bate à porta d'essa casa trazendo um patife, o carcereiro abre-lhe a porta:

Indica nos *gendarmes* o gabinete do director onde o preso vai passar por um interrogatorio e onde lhe leem o regulamento da casa; vestem-lhe o *fardamento* habitual; e metem-no n'uma *cellula* tendo trocado com os *gendarmes* e com os guardas menor numero de palavras do que é usual um homem trocar com outros homens.

As cartas que recebe e as cartas que escreve são todos marcadas com o — V — infamante, com o fatal visto do director da prisão. É este que lhe fornece os livros que o preso ha de ler, mandando-lhe quasi sempre para dentro uma Bíblia como velho e o novo testamento. As vezes também lhe concede um baralho de cartas para se entreter, sózinho, a fazer paciencia. A janela da cellula enquadra um bocadu do azul do céu, sempre o mesmo azul, sempre a mesma monotonia azul, onde de tempos a tempos passa, rapido como um relâmpago, ou o voo branco d'um pombo, ou o voo agudo d'um gavião.... Quando este azul começo a enegrecer, quando a tarde desaparece e a noite chega, — o preso fecha a Bíblia, põe de lado as cartas, e deita-se, por que lhe não dão luz, e a estrela que parece tão luminosa e que elle vê brilhar no quadrado negro da sua janela não basta para alumiar ou as páginas da Bíblia, ou as páginas das suas cartas...

Quando alguém o vem visitar, — o paiz, a mãe, os irmãos, a esposa, os filhos ou os amigos! — o preso sobe a uma sala, seguido pelo guarda, onde fala com os seus através de duas rédes de ferro, sem mesmo lhes poder beijar a face ou a mão. Quando vai ao escriptorio do director, a perguntas, o preso vai algemado e ladeado por dois *gendarmes*. E só em treze casos se abre a porta da cadeia a esse homem — ou para se lhe dar a liberdade, ou para o mandar para as galés, ou para lhe mandar cortar a cabeça...

Finalmente. Este regimén tem por fim fazer compreender ao preso que é muito mais agradável ser-se uma pessoa de bem do que ser-se um patife...

... Mas em Lisboa — na terra onde melhor se fabricam accusas que fagam ruir — uma cadeia é uma causa inteiramente aparte: é o recinto que os malandros possuem para estar à sua vontade, sem serem incommodados pela Policia ou pela Lei.

Ha muito tempo que eu tive spontâneos curiosos sobre o *Limoçiro*, e de todo que testem visto e de todo que tenho observado, cheguei a este conclusão, de que:

— O *Limoçiro* é o estabelecimento que o Estado sustenta para poder proporcionar aos bandidos d'Alfama e da Mouraria, salas mais vastas, bebedas mais baratas e comida mais em conta do que elles podem encontrar nas baixas dos seus respectivos bairros...

---- Porque:

No *Limoçiro* joga-se,
no *Limoçiro* bebe-se,
no *Limoçiro* ama-se,
e no *Limoçiro* mata-se!

---- A jogatina é já coisa tão natural e tão simples, a *batota* já se acha tanto nas tradições da casa, que os fias, depois do meio dia, vão visitar os amigos, para beberem com elles um copo e fazerem uma partida.

As amantes dos *presos* entram na cadeia a todas as horas do dia, com cabeças debaixo do braço, onde levam cigarros, vinho, aguardente, queijo, fructos e de quando em quando: ou uma lama para cortar um ferro, ou uma navalha para o amante matar ou um guarda ou um preso.

Há annos uma varinha chegou a iludir o amante no proprio *Limoçiro* e o amante, naturalmente, esqueceu-la dentro — como nas tavernas do bairro alto...

Há tempos descobriu-se uma companhia de agiotagem, e se os próprios presos não foram de novo presos e se não foram de novo julgados, é por que os seus devedores eram homens de grande posição que podiam abafar o processo.

Há tempo que no *Limoçiro* se descobriu que havia lá dentro varios presos com tantos talentos calligraphicos que até falsificavam assinaturas em lettras de cambio, tendo essas lettras curso no mercado de Lisboa.

E para prova do quanto o *Limoçiro* é a casa de detenção mais bem vigiada que o paiz possue — dezenas de guardas e todos os dias uma guarda de subalterno apresentando armas a outro subalterno do 1.º das Janelas-Verdes ou do 5.º do Castelo — ainda ha tempos se soube que lá dentro havia uma fabrica de moeda falsa, e fabrica tão bem montada e moedas tão bem cunhadas, que até envergonhava a moeda feita legalmente sob a vigilância do governo!

... Ultimamente os presos não estavam contentes com o novo director que o ministro da justiça para lá tinha mandado. O novo director era um visionario, um perfeito visionario. Queria elle dar as less e não admittia que aquelles patifes as dessem! Os presos, fumosos, fizeram reuniões, assembleias, meetings... Depois de muita discussão e de muita proposta, decidiu-se que fosse o novo director simplesmente assassinado, como os nihilistas decidindo que se dê cabo do czar.

Quando o director entrou no *Limoçiro* os presos acercaram-se d'ele e um saindo do grupo, de braço erguido e olhar vingativo, descansegou uma punhalada sobre o desgraçado punhalado que, segundo o que tenho lido pelos jornais, foi recebida com as mais inequivocas provas de sanctificacão e de regojo.

O director foi levado para casa, gravemente ferido.

---- Agora o ultimo acto d'esta peça, o uero mais engraçado e de mais effeito theatrical:

O governo teve de mandar para a cadeia do *Limoçiro* um outro empregado da sua confiança. O novo director tomou posse das caixas horas depois do atentado. Entrou os patifes que já tinham sacado a sua vinganca, receberam a nova auctoridade com grandes sinalaes de contentamento:

dantos vivas!

e dependuraram à noite luminarias e balões venezianos nos *fornos* *El-rei!*...

Santo paiz!

---- Eu peço para o *Limoçiro* este outro nome: *Club Recreio e Civilização*, e que o pinhal d'Azambuja se chame — o *recreio alegre da virtude!*...

Matrinx, Pica.

AVISO

di temos em nosso poder o original do primeiro trabalho escrito expressamente para a Ilustração pelo ilustre romanista portuguez

ECA DE QUEIROZ

um trabalho originalissimo, em tudo digno da pena extraordinaria que escreveu as soberbas paginas do Pinho Bazilio e do Crâne do Padre Amaro.

Eça de Queiroz, que se achá actualmente numaria terra de França, em Angers, por motivo de saúde, tem consigo um cão, um soberbo pug, que se chama D. José. Em Bristol, em casa do romanista, fez um outro animal, a gata Pussy. Ora é exactamente uma caria de D. José à sua amiga Pussy o que Eça de Queiroz nos envia, carta que tam por fatal:

A INGLATERRA E A FRANCA:
julgadas por um inglez.

Este trabalho do eminente romanista, que nos devemos à muita estima e à muita sympathia que lhe inspira a Ilustração, será publicado no proximo numero, no numero que ha de apparecer em Paris no dia 5 de Junho.

Hoje começo a collaborar na Ilustração Jayme de Seguer, de todos os poetas novos o mais brilhante e o mais exponente, e que rae ser um dos nossos assíduos collaboradores tanto em verso como em prosa.

E esperamos dentro em pouco dar publicidade a trabalhos do ilustrado portuguêz Luis Guimaraes Junior, e de Fialho d'Almeida, dos novos prosaizores portugueses uns dos mais fechados e uns dos mais aplaudidos.

Tambem abrimos hoje uma seccao de Theatros, onde terão um grande desenvolvimento todas as notícias portuguesas que possam interessar a Portugal e ao Brasil, seccao que confirmam o preso portuguez, a pessoa que confia no seu paiz, o assumpto de que vai haver uma seccao que chiamamos especialmente a attenção de criticos, de actores, de anactores, e de tradutores.



EDMOND DE GONCOURT autor do novo romance *Chérie*.



A CASA ONDE NASceu GAMBETTA



1. O que falam caricaturistas dos quadros para os jornais ilustrados de Paris. — 2. O guarda do Salão. — 3. Olha o retrato do papai. — 4. O último toque. — 5. Outrfrequentadores da exposição. — 6. Críticos ferozes. — 7. Crítico indulgente. — 8. Apê! Ié visité! Ié visité! na saia!

NO DIA DO «VERNISSAGE». — (Desenho de Mina.)

AS NOSSAS GRAVURAS

ALEXANDRE DUMAS PAE

Seis meses que o teatro do *Odeon* de Paris pensou em levar de novo à cena o belo drama de *Alexandre Dumas, Antony*, sendo encarregado do papel de protagonista o distinto actor Paul Mounet, o irmão d'um outro notável artista Mounet-Sully, da *Comédia França*. Havia, porém, receios de que o *Antony* já não agradasse hoje, que o público se não interessasse com a peça. Perfeito engano. As reformas literárias não fazem mais do que lavar um paiz dos insignificantes imitadores que o infestam, porque os homens de verdadeiro genio ficam de pé, firmes, inabaláveis, como os marmores dos museus.

Não foi sem receio que o director do *Odeon* anunciou a *reprise* do *Antony*. A critica francesa esperava mesmo a peça com curiosidade, e os criticos da literatura intransigente iam comprando pennas novas para atirar duas chalacás no *romantismo*. Emfim, chegou o dia da primeira representação; o panno subiu; sucederam-se as scenas e os actos uns apôs outros; o publico aplaudiu com entusiasmo; hoje o *Antony* é um acontecimento teatral em Paris; o dinheiro corre para as gavetas do *Odeon*; e a literatura, unanimemente, faz o elogio da peça de Dumas, considerando-a como uma obra-prima da literatura dramática.

Alexandre Dumas pae é de novo uma actualidade parisiense, como já o foi o anno passado quando se lhe inaugurou uma estatua na praça Malesherbes. *Antony* é e será sempre o mesmo drama soberbo, cheio de grandes situações dramáticas, um drama onde ha alguma cousa de verdadeiramente genial.

Quizeramos fazer a biographia do legendario autor dos *Tres Moqueteiros* e do *Monte-Christo*, d'esses romances extraordinários d'interesse e de vida que tecem sido o prazer de trez gerações, mas para isso precisaríamos dispor de bastantes volumes, pois que não bastam as paginas da *Ilustração* para descrever uma das vidas mais curiosas e mais excepcionaes do nosso seculo.

O proprio Alexandre Dumas para não criar dificuldades à historia, escreveu as suas *Memoirs*, e a leitura d'esses volumes tão alegres e tão pittorescos que nós recommendamos aos leitores da *Ilustração*.

Vamos dar, comitudo, a critica de Dumas pae feita pelo proprio Dumas, um trecho de proza que difficilmente se encontra nas obras do illustre romancista. Como não temos a pretensão de querer dar a medida do genio d'este Titan, vamos-lhes dizer o que elle pensava de si mesmo:

"Lamartine é um sonhador, Hugo um pensador, e eu um vulgarizador. Da que ha de demasiadamente subtil no sonho de um, de demasiadamente profundo no pensamento do outro, profundidade que impede algumas vezes que se comprehenda, spodero-me eu, vulgarizador. Dou um corpo ao sonho de um, dou claridade ao pensamento do outro, e sirvo ao publico esta dupla igualaria, que sahida da mão do primeiro, o nutria mal, e da mão do segundo elle causava uma indigestão por demasiado temperada, mas que temperada e apresentada por mim, servia para todos os estomagos, para os mais fracos e para os mais robustos".

Alexandre Dumas era um trabalhador infatigável, tão infatigável como Balzac. Algumas das suas peças de teatro foram feitas n'uma noite; trabalhava vinte horas por dia; quasi que desconhecia repouso; este gigante do trabalho que dizia um dia ao seu amigo Leverrier:

"Ora tu que conheces esses senhores do Observatório de Paris porque é que não lhes pedes que façam os dias com quarenta e oito horas. Fazia-me bem, bom aranjo!"

Um dia que elle se achava doente consultou o seu amigo Pierry que lhe prescreveu um mez no campo, com a prohibição formal de pegar num pente.

Um mez... era bem duro na verdade! Mas o docente resigna-se e sae nesse mesmo dia de Paris.

Quarenta e oito horas depois, o doutor Pierry que atravessava o boulevard quem ha de ver?... O seu amigo Dumas, já de volta.

— O que! O senhor?...

— Sim, eu...

— Aqui?

— Sim, aqui...

— Depois do que lhe ordenei?

— Por quem é, doutor, não se zangue comigo. Eu ensaiei; mas juro-lhe que passado o primeiro dia não pude mais... Estava estafado com tanto repouso!

E é tão verdadeira esta phrase que Dumas, apesar de velho e extenuado, ainda tinha projectos gigantescos, fazendo mil planos de dramas e de romances.

— O que tenho escrito não é nada, dizia com convicção, ao lado do que ainda tenho que escrever.

Depois, com um bom sorriso comunicativo, concluiu:

— Meu caro. A embriaguez da tinta é a mais persistente defida!

O *Antony* era um dos dramas que elle mais estimava, de que elle tinha maior orgulho. Foi por causa do *Antony* e dos *Mohicanos de Paris*, nas grandes luctas com a censura dramática, que elle escreveu a celebre phrase contra os censores:

Censores... criaturas que não se sentindo capazes de voar resolveram cortar as asas aos outros homens.

Ainda a propósito da sua actividade no trabalho:

Eram trez horas da manha. Dumas acabava de ceiar com Edmond About, depois d'uma primeira representação em Mursel dos *Gardes forestiers*. Dumas ao entrar no hotel, disse para About:

— Velho! vai repousar! Eu que apenas tenho cincuenta e cinco annos, vou escrever trez folhetins que devem partir amanhã, isto é, hoje mesmo, pelo correio. E se por acaso me sobra algum tempo, ainda faço uma comédia n'um acto em que hontem pensei.

Quando About acordou, os trez folhetins estavam prompts e a comédia tambem. Razão tinha Michelet quando disse:

— Dumas é uma força da natureza!...

Alexandre Dumas morreu por occasião da guerra franco-prussiana, mas a morte d'este homem passou despercebida por entre as calamidades que cahiam então sobre a França.

Hoje Dumas possue uma bella estatua no centro de Paris, estatua executada por um grande artista — Gustave Doré — e que nós um dia ofereceremos aos nossos leitores. E os seus dramas, como está agora succedendo com o *Antony*, representam-se de novo, sendo recebidos pela actual geração com entusiasmo pouco inferior aos bons tempos das luctas românticas.

E o proprio da *reprise* do *Antony* que julgamos conveniente dar hoje aos nossos leitores um belo retrato de Alexandre Dumas executado pelo nosso gravador Ch. Baudé, dando assim a maxima actualidade à *Ilustração* que trabalha activamente para estar ao par das primeiras illustrações de França e de Inglaterra.

EDMOND DE GONCOURT

NTER OS romancistas modernos que se chamam Zola, Flaubert, Daudet, Ferdinand Fabre e André Theuriet, Edmond de Goncourt e seu irmão Jules de Goncourt ocupam os primeiros lugares, pela originalidade dos seus trabalhos, pelo subido valor dos seus romances.

Ainda não chegou o momento de fazer a devida justica a estes dois homens que produziram juntamente tanta obra notável, um dos quais — Jules — já morreu ha annos. Os irmãos Goncourt são por enquanto apenas apreciados pelos homens de letras. O publico ainda se não declina a ler as suas obras. Mas no dia em que folhear esses livros, no dia em que se deixar arrastar pelo encanto d'essas paginas, o publico não as lê devorar-as!

Os dois Goncourt começaram a adquirir a sua reputação na literatura francesa pela maneira brillante como escreviam. Diz-se de Flaubert que foi uma victimia da phrase, e Zola mesmo contou n'uma pagina que ficou celebre

as torturas do autor da *Bovary* quando trahia o seu estylo. Este mesmo amor da forma encontra-se nos Goncourt levado ao ultimo excesso, às vezes quasi à extravagancia, se compararmos as suas paginas com aquellas que se publicam todos os dias.

Como criticos e como historiadores os dois Goncourt rão volvem e reconstituiram todo o seculo passado escrevendo magnificos livros como a *História de Maria Antonietta*, As amanças de Luis XV e A mulher no seculo XVIII.

Como romancistas foram elles os primeiros que deram o grande impulso ao romance moderno que hoje domina em toda a raça latina: foram elles os que melhor ensinaram a descrever e a dialogar. Esses romances, verdadeiras obras-primas da literatura francesa, chamam-se *Madame Gervaisais*, *Germinal*, *Lacerteux*, *Rene Maupérin*, *Manette Salomon*, e ainda outras obras não menos notáveis.

Como coleccionadores foram elles que introduziram na sociedade contemporanea o gosto pelas mobilias do seculo XVIII e foram elles que introduziram em Paris a mania do *japonismo*, este novo e bizarro *biblot* que invade todas as salas, todos os gabinetes de trabalho, todos os ateliers de artistas e até mesmo a arte moderna.

Como valem a obra dos Goncourt não é insignificante. Desses dois irmãos resta apenas aquelle de quem damos o retrato. Os seus trabalhos antigos trazem tambem a assinatura de Jules de Goncourt. Todos os romances e livros de critica foram escritos de sociedade. Mas depois da morte de Jules, Edmond produziu novos livros como *A casa d'um artista*, *Os irmãos Zengano*, *Faustin*, e ha poucos dias apareceu à venda em todos os livrarias de Paris um seu novo romance *Chérie*, com um prefacio em que o autor declara ser esta a sua ultima obra — a ultima obra do ultimo dos Goncourt.

A critica francesa occupa-se n'este momento d'este curioso romance, e sobretudo do prologo onde Edmond de Goncourt, com um verdadeiro orgulho de artista, tem phrases amargas para com a sociedade do seu tempo que ainda não comprehendeu a obra dos dois irmãos.

E o retrato do ultimo dos Goncourt, do autor da *Chérie* e do livro notável que se chama *Casa d'um artista*, do companheiro e do irmão de trabalho de Jules de Goncourt, irmão pelo sangue e pelo espirito, que hoje damos na *Ilustração*. A falta de espaço não nos permite, como era nosso desejo, dar hoje o retrato dos dois. Num dos proximos numeros daremos o retrato de Jules de Goncourt, tambem devido à pena de Liphart, um dos desenhadores mais estimados dos jornaes franceses.

ONDE NASCEU

ONDE MORREU GAMBETTA

INAUGURAÇÃO DA ESTATUA DE GAMBETTA

AI em Cahors veio dar mais actualidade do que nós a principio julgáramos — ao nome do grande tribuno a quem a França tanto deveu por occasião da desgraçada luta com a Alemanha.

Ha pouco mais de um anno que Gambetta morreu, e a posteridade já começa a encaral-o como um vulto superior, que tem de viver eternamente na historia da França contemporanea — nome privilegiado que ha de ficar impresso entre os nomes celebres do nosso seculo.

No n' numero da *Ilustração* oferecemos aos nossos leitores, como curiosidade sympathica, o retrato do paiz de Gambetta, do pobre velho modesto e ignorado — do antigo mercereiro de Cahors. Hoje nada encontramos de mais curioso e de mais original que oferecer as duas gravuras que ornam as paginas 20 e 28 da *Ilustração*: a primeira representando escrupulosamente a mercereiro que o pue de Gambetta possuia em Cahors e onde nasceu o grande tribuno; a segunda representando a casa de Ville-d'Avray onde o grande tribuno faleceu em 31 de dezembro de 1882.

Quem diria, ao ver sair a porta da modesta merceria de Cahors aquelle obscuro baptizado, que este primeiro acto d'uma vida havia de ter por epilogo os sumptuosos funerias a que Paris

assistio, os sumptuosos funeraes onde não sómente foi representada toda a França, mas todas as nações pelos seus diplomatas acreditados junto do governo da Republica francesa? Eis todo o orgulho d'uma sociedade verdadeiramente democrática — o homem pode partir do meio o mais obscuro e o mais modesto, mas se tiver talento, se tiver carácter, se tiver uma alma grande e um coração nobre, esse homem, querendo, chega aos primeiros lugares, como chegou Gambetta. Que importa que elle tenha nascido no pobre merceria? Que importa que elle seja o filho d'um provinciano humilde e ignorado? A França encontrou n'ele um filho illustre; a pátria deve-lhe quasi a salvação! Que os seus concidadãos o glorifiquem, e que a historia grave o seu nome... Os homens celebres vindos do *nada* são duas vezes illustres. Nas sociedades modernas os *pergaminhos* não se herdam — criam-se...

A casa onde morreu Gambetta, situada em Ville-d'Avray, na linha de Paris a Versailles, é hoje celebre por que ali moraram dois dos vultos mais poderosos da literatura e da política — primeiro Balzac, o grande romancista da *Comédia Humana*, depois Leon Gambetta, o grande republicano. Essa casa constitue actualmente uma verdadeira curiosidade histórica, e todos os estrangeiros que visitam Paris vão em romaria a Ville-d'Avray, para verem o quarto onde dormiu o autor do *Père Goriot*, e onde morreu o personagem heroico da *Defesa Nacional*, o orador inspirado da Camara francesa.

Apresentando nas páginas da *Ilustração* as duas gravuras que mostram a *casa onde nasceu Gambetta* e a *casa onde morreu Gambetta*, julgamos ter dado aos nossos leitores uma curiosíssima actualidade, que deve ser deveras apreciada por todos aqueles que admiram e respeitam os nomes gloriosos de Gambetta e de Balzac.

NO DIA DO « VERNISSAGE ».

No primeiro numero da *Ilustração* apresentámos aos nossos leitores uma curiosa pagina de Adrien Marie representando uma das grandes salas da Exposição de belas-arts no dia do *vernissage*, e prometímos para o segundo numero uma pagina do desenhador Mars, onde o fino artista das elegâncias parisienses devia apresentar o *Salon* por um outro aspecto não menos curioso nem menos agradável. Eis cumprida a nossa promessa.

Mars é um desenhador espirituoso, muito querido dos primeiros jornais ilustrados do *boulevard*, por que encontra sempre no bico do seu lapis uma fina caricatura e um delicioso sorriso. Mars é dos raros parisienses que melhor sabem desenhar uma cena do bosque de Bois de Boulogne, uma noite de primeira representação, um bocado de corridas no hippodromo de Longchamps ou de Auteuil, uma cena de feiras ou uma cena de praias. E ainda dos raros que melhor conservam o segredo, a formula para desenhar a verdadeira parisiense, a parisiense elegante que possue a linha mais graciosa e mais bella das mulheres da raça latina, d'esta parisiense dos bailes pelos soberbos palacetes dos Campos Elyseos e das terças feiras do Theatro França — vestidas por Worth e perfumadas por Lucca ou Lubin.

O desenho de Mars é uma espirituosa analyse dos variados tipos que entram no *Salon* no dia do *vernissage*, é um verdadeiro *artigo de Paris* alegre e facil. A nossa *Ilustração* que é um jornal falando portuguez mas vestindo pela ultima moda de Paris, um jornal verdadeiramente moderno fugindo a todas as rotinas e a todas as convenções, não podia deixar de dar entradas nas suas páginas a um artista tão sympathico e tão original como é Mars.

Seria um erro d'ofício...

NAUFRAGIO...

De todos os desenhadores d'aves, o mais notável da Europa e cuja colaboração é disputada dia a dia pelos jornais de Paris e de Londres — é sem dúvida Giacometti. Procurámos tambem obter algumas páginas do eminentíssimo artista, e é com um vivo

prazer que a *Ilustração* apresenta hoje quadro tão encantador e tão adorável, como o que se intitula *Naufrágio*...

Não nos parecendo suficiente meia duzia de linhas em prosa para acompanhar esta gravura, encontrámos para o poeta do lapis um poeta da pena não menos brilhante, nem menos distinto que o primeiro. Foi Jayme de Seguier, cuja aquisição como colaborador, e colaborador assíduo, é uma honra para o nosso jornal, e cujos versos serão lidos pelas nossas leitoras com um sorriso de satisfação nos labios.

Como vêem a *Ilustração* quer ser e ha de ser o primeiro jornal ilustrado escrito em português.

MOÇIDADE!

ENTRE o grupo dos artistas estrangeiros que habitam Paris e que mais amaduadas vezes aqui expõem — Van Beers tem sido dos mais aplaudidos e os seus quadros d'uma factura original tem atingido no mercado europeu preços bastante elevados.

Possuindo uma grande sciença de desenho e de cõr os seus quadros de genero trazem todos um grande acabamento, e algumas vezes a critica francesa tem chegado quasi a censurar-lhe uma espécie de exactidão photographica no assunto que tratou, o que prejudica um pouco o mérito da obra que às vezes pode cair no *amareirado*. Isto é o que diz a critica pela pena de Edmond Aboutou de Alberto Wolfit ou de Henri Rochefort quando Van Beers expõe nos *Salons* annuas de Paris algum dos seus deliciosos quadinhos — a critica séria, implacável e exigente que se coloca diante da obra do artista, considerando-a como o producto não d'um talento vulgar, mas d'um talento superior.

O anno passado Van Beers causou grande escândalo em Paris — no Paris dos jornais e no Paris dos ateliers. Mandara para o *Salon* um excellente quadro que foi aceite pelo jury, como era de esperar. Era uma tela pequena onde havia uma mulher deitada sobre um tapete oriental. Os quadros de genero dos artistas considerados, o jury manda os collocar na primeira fila, à altura do observador, como os leitores podem ver na pagina do nosso colaborador Mars, o que já constitue uma primeira distinção. O visitante pode observar os mais minuciosamente. Van Beers entra no *Salon*, no dia do *vernissage*, e vê a sua tela collocada na terceira fila — pessimamente collocada. Então o artista foi buscar um pincel molhado em tinta preta, e com a maior serenidade transformou a sua tela no mais horrendo horroço! O escândalo que este facto produziu foi enorme; os jornais fallaram do caso durante uma semana; e o jury resolveu nunca mais aceitar quadros ao artista irreverente. Mas a indignação do jury passou bem depressa este anno quando o artista mandou ao *Salon* um outro excelente quadro não houve coragem para o recusar — os despeitos tinham desaparecido diante da obra superior e original que a critica tanto tem elogiado.

Mocidade! é uma das suas telas mais brilhantes. O assunto é puramente flamengo. Uma creança elegantemente vestida com um costume do seculo xvii brinca com um tentilhão que tem preso ao seu *kruk*. É um passa-tempo ainda muito usado em varias cidades da Holland. O tentilhão domesticava-se e familiarisava-se com grande facilidade. O bocado de madeira onde deve pousar chama-se *kruk*, em flamengo, e é envolvido em lã encarnada, muito viva. Na parte inferior do *kruk* enrola-se um fio que deixa esvoçar a ave acima dos telhados e acima das portas. O fio prende-se a uma cintura que envolve o tentilhão debaixo das azas.

A cõr brillante da lá chama a atenção do passarinho, de modo que ao primeiro signal do dono, desce imediatamente vindo pousar no *kruk*.

Este gracioso quadro de Van Beers apareceu na exposição universal de 1878, sendo uma das obras mais notáveis da arte moderna nos Países Baixos. Ultimamente passou para as mãos d'um grande colecccionador que consentiu na reprodução da obra pela gravura em madeira, gravura que foi executada com grande escrúpulo e delicadeza pelo nosso eminentíssimo colaborador Ch. Baudé.

O D. FERREIRA D'ARAUJO.

REGALAS do Brazil um livro bem importante, firmado pelo nome d'um dos mais notáveis jornalistas do Imperio, o D. Ferreira d'Araujo, proprietário e redactor em chefe da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro.

É um livro composto à maneira francesa, dos artigos que o distinto escriptor publicou durante o anno de 1883, as segundas feiras, sob o titulo de *Cousas políticas*. No jornal os artigos aparecem sem assinatura; hoje no volume o autor põe de parte o *anonymo*, e o publico brasileiro pode aplaudir com entusiasmo esse homem de letras verdadeiramente moderno, que soube no seu jornal escrever à maneira dos grandes jornalistas franceses que se chiamam — Edmond About, Auguste Vacquerie ou John Lemoinne.

Na historia da imprensa brasileira no ultimo quartel d'este seculo tem necessariamente de ficar registrado o nome do D. Ferreira d'Araujo, como o do primeiro jornalista que transportou para o Brazil o sistema parisiense, isto é — o sistema moderno de fazer jornais.

A *Gazeta de Notícias* é o exemplo eloquissimo do que deixamos dito. É um jornal de primeira ordem, o primeiro jornal completo que se conhece em lingua portuguesa, podendo sem receio collocar-se no lado dos grandes jornais franceses.

Ferreira d'Araujo é o verdadeiro jornalista do nosso tempo, o verdadeiro director como hoje é preciso e o publico exige, sabendo dividir os columnas da sua folha de modo que não deixe de haver espaço nem para o artigo politico, nem para a anedota, nem para o artigo literario, nem para a *reportage*. Escrevendo, tem todo o encanto e todo o atractivo moderno, pela simplicidade dos seus artigos, pela naturalidade da sua linguagem, serido lido com prazer pelo homem de commercio e pelo homem de letras.

A *Gazeta de Notícias* é o seu campo de trabalho e é a sua grande obra. Sério e elevado, — possuindo uma critica larga e justa quando escreve os artigos em que analisa os grandes acontecimentos do seu paiz — nem por isso deixa de ser um verdadeiro chronista do *boulevard*, palpitante de graça, de boubomia e de mordacidade, quando, de pseudonymo em punho, escreve com os seus collegas de redacção as famosas *Balas d'estalo* que tanto successo temido entre o publico fluminense.

Depois de se ter lido durante alguns dias as páginas da *Gazeta*, tem-se a certeza de que é dificilíssimo fazer um jornal tão bom e tão completo, e de que é impossivel fazer melhor.

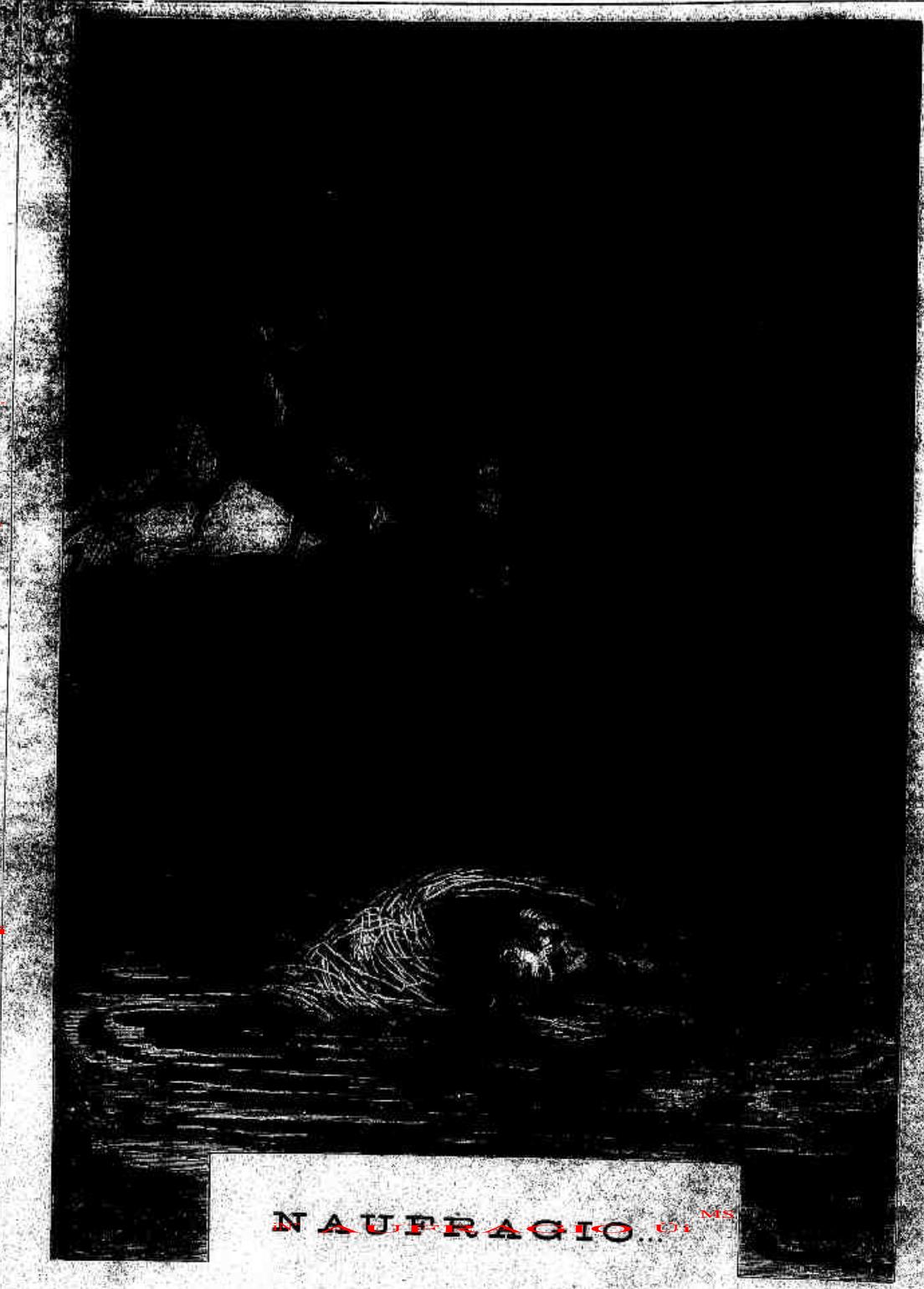
A *Ilustração* ao receber o excelente livro — *Cousas Políticas* — do D. Ferreira d'Araujo, achou que era do seu dever publicar o retrato do illustre jornalista, inaugurando assim a sua galeria de homens notáveis do Brazil. A execução artística d'este trabalho foi confiada ao nosso gravador Ch. Baudé, o autor d'outras magnificas gravuras que hoje damos na nossa folha.

NO TONKIM

GUERRA emprehendida pela França no Tonkin, dando caça nos bando dos Pavilhões Negros, fez com que os principais jornais ilustrados mandassem os seus colaboradores artisticos para o Celeste Imperio, para enviarem de lá tudo quanto a lapis encontrasse de curioso e de extravagante. O Tonkin está pois na ordem do dia, polígrafo pittorescamente fallando. A *Ilustração* não podia encontrar nada de mais curioso para inaugurar as suas viagens pela China do que as duas escenas que hoje damos:

Annamitas assobiando para chamar o vento. — A equipagem luctou toda a noite contra a maré. O dia rompeu e elles esperam ter melhore viagem; mas veio a calmaria. As vélas estão indiferentes o barco não se move. Então os bons dos annamitas começam a assobiar. Cada um por sua vez, até que assobiaram todos em círculo para acordar o vento, para que o vento se approxime, docemente, e de impulso acione.

Mas é necessário que os pobres diablos não assobiem muito forte, para, em vez de acordar a Brisa, não irem acordar o Furacão.



*Na noite onde começa a escender-se o luar,
a remansar por confusas manchas negras...
Y ninha que all vai sobre a onda, a boina
era de tantas negras...
...*

*Vede, as pobras são pretas. Não vos infunde magia
velas assim afflictas,
tentando em vão sustentar a superfície d'água
com as suas pugnadas?*

*Os passos, loucos de dor, tremendo de agonia
e de amargura enfim,
soltam gritos de dor como ondava Maria
por uma noite assim...*

*Com o biguento ansioso e curvado sobre o rio,
tentam, nata salva, o triste afliito banido...
Mas sobre as águas corre um vento agreste e frio
e o baniletillo vai boiando... vai boiando...*

*No fundo d'esse abismo e d'esse resplendor
onde o dia se enganga,
dize, que faras tu para não ver, Senhor,
que este ninfão naufraga?*

*Se é certo que sorris, rendo rir as preces
porque dessas morrer os pueri resplendentes,
Tendo Vashisht, Sambor Salvado, Suryavant, Drona e Arjuna,
para os bengal e os rios hostis...*

Quadro de Giacometti. — Gravura de Ménulio.

JAYME DA SERRA.



MOCIDADE!

Quadro de Van Beers, gravura de Bauda.

1881
1882

distrações, o seu preconceito. Quando assobiam de vigor imaginam acordar o vento; quando estribam de ríos imaginam acordar um grande monstro que está para lá do horizonte, ontem que se encarregava de chamar imediatamente a tempestade. Assobio fraco é a salvação, assobio forte é a morte. Pobres imbecis! Quais os seus desejos sejam cumpridos...

Quase sono a junco. — Ell-o, o bom chinês, sentado sobre o tombadilho do seu junco, abrigado sob o inacaudado guarda-sol, fazendo a sua viagem ao longo do Tchêou-Siung, o famoso rio das perolas.

Vacilhava em aídeia vendendo os seus produtos. Holpeca imagem de pachorra da indolência, da mandraca. O seu olhar obliquo cae indiferentemente para qualquer lado, e pelo seu espírito perpassa talvez um sonho de arroz cozido ou de ninhos d'andorinhas. Mas ámanha, na sua aídeia, um chefe prega a guerra contra o europeu, contra o francês, e o pachorrento que hoje vêem a morrer sobre o junco, é amanhã um bandido terrível das proximidades do Hanói ou de Bac-Ninh.

O SIMOUR

SEUS OUDOS teem ouvido fallar na horrivel tempestade, na tempestade de areia, mas muito poucos conhecem quadro tão curioso e tão profundamente drámado como o que damos com o título de *Simour*.

Os acubas atravessavam pacificamente o deserto. O céu era todo azul e a terra todo branca. Pouco a pouco um ponto negro surge no horizonte, e vai subindo, e vai-se alargando, e em pouco tempo o céu se escurece, e o ar se rarefa, um calor horrivel suffoca e aspira... E o Simour, o terrível Simour, é tempestade de arcas que o vento levantou das vastidades do deserto... e os pobres acubas correm, sobre o dorso dos camellos, mas o Simour é mais veloz, e em poucas horas a caravan ficará sepultada sob a espessura das areias... e outra caravan ha de vir que nem traços hede ver dos desgraçados que na sua viagem encontraram morte tão horrora como esta.

O DEDAL DE PRATA

Schomberg morre de tristeza e de aborrecimento na sua villa de Monaco.

A celebre cortesã, cuja beleza pouco sofreu com vinte annos de orgias, sente tornar-se mais espesso por cima dos seus olhos, — os seus olhos que causaram tantas loucuras e tantos desesperos, — o véu, cada dia mais escuro, da cataracta. Percebeu os primeiros symptomas da terrível enfermidade ha dois annos. Uma bella manhã, sentandose de frente do espelho da sua meia de toilette, viu o seu rosto como que banhado n'uma ligeira nevoa; no dia seguinte, este nevoceiro medonho tornava-se mais opaco, e a Schomberg lembrou-se então de que, havia algum tempo, sofria frequentemente de mal de cabeça, enxaqueca, queixando-se ás vezes de ver moscas que voltejavam, pontos negros, telas d'aranha...

Consultaram-se oculistas; todos estavam d'accordo sob o diagnostico domal, e os phenomenos seguiram a sua marcha, lenta, progressiva, implacavel. Um dia os homens do oficio faltaram em operacio. Mas a Schomberg é covarde. Esta mulher que fez sofrer tanto desgraçado, recebe a dor; os seus nervos cansados, justos pelo excesso das voluptuosidades revoltaram-se com a ideia de que não de ser feridos por um instrumento d'aco — elle, por quem o príncipe de Royaumont, uma creança de vinte annos que estava per-

dida d'amores, se foi bater em duello, morrendo atravessado pelo florete descal d'um espadachim. Afastou para longe de si os cirurgios e deixou a doença concluir a sua obra. Hoje, a Schomberg está quasi cega.

A villa da Schomberg é a mais bela e a mais bem situada d'este canto do paraíso que se chama Monaco. Os que passam vêem, através das grades invadidas pelas trepadeiras, a veranda com stores cér de rosa, e imaginam que a felicidade mora ali. Mas a Schomberg continua mortalmente triste; só conhece as flores pelos seus perfumes, só se lembra do azul deslumbrante do Mediterrâneo quando ouve o som rythmico das suas ondas. Depois de ter gosado tanto com todos os sentidos, só pensa exactamente n'aquelle que lhe roubaram. Quando recebe um ramo, aspira-o por um momento, depois deita-o fóra, enraivecida. Expulsa de sua casa o ultimo amante que lhe inspirara um capricho, — o pianista polaco que lhe distraia a melancolia improvisando tão lindas valsas — no dia em que, olhando de muito perío para os seus olhos azuis de slavo, não podia descobrir o seu olhar. Quando o delfo de Gregoresco, o filho do antigo hospodar — o único que se atreve adar-lhe o braço em público — a acompanha adar uma volta pelo Casino, sae de lá toda irritada com o reténir d'este ouro cujo brilho não pode ver, e não se assenta um minuto diante d'uma meia de *trinta-e-quarenta*, ella que perdeu e ganhou tantas vezes ao jogo fortunas reaes, que d'ahi veio chamarem-lhe as vezes « a Maximum ».

Comutado a meia cegueira da Schomberg permite-lhe ver ainda, quando os aproxima os olhos, os objectos muito brillantes, e o seu ultimo prazer da vista é examinar os seus diamantes e outras pedrarias.

Todas as noites, Manette, a sua criada de quarto, prepara, no pequeno *boudoir*, uma meia coberta com um tapete de veludo grenada, e colloca-lhe em cima, entre dois candélabros onde ardem vinte velas perfumadas, um *pésado* cofre d'ebano com pregos de prata onde se encerram todas as riquezas de sua ama. Schomberg senta-se então n'um *fauuteuil*, abre as caixas que estão no cofre, e, com o seu olhar quasi apagado, passa longa e minuciosamente em revista os aneis, os collares, os brincos, os braceletes, os broches, os diademas. E o supremo prazer que a velha cortesã pode hoje proporcionar aos seus olhos cheios de noute, o fogo d'um diamante, o oriente d'uma perola rara, o brilho d'uma pedra preciosa, são só capazes de acender n'aquelle noute uma rápida claridade. As suas pupilas avidas de luz dilatam-se ^{então} voluptuosamente; olhando fixamente estes objectos tão luminosos, lembra-se dos homens que lh'os deram outrora; e fallando machinalmente, mais para si do que para a camarista de rosto desbotado, que se encostou a um canto da meia e que a escuta, com um sorriso de desprezo e de odio, repetir as suas recordações galantes a Schomberg, perdida no seu sonho, evoca o seu passado, a sua longa existencia de infamia.

Aqui está o adereço de rubis do grau daque... Gomo se deve aborrecer este pobre Leopoldo, no seu exílio, na Escócia, desde o dia em que os seus subditos o expulsaram bombardando-lhe o carro com cristas de lama! Rubis soberbos, cér de vinagre rosa, é uma pedra rara e que só se encontra na ilha de Ceylão... O colar de perolas do

gordo Wertheim. D'esta vez é que elle ficou deveras arruinado depois da fallencia, o que é inacreditável de parte d'um juden... Perolas d'um negro azulado que valem carissimo... Sim, lembro-me, expulso de minha casa este sujeito por que fez a asneira de oferecer um adereço igual a sua mulher no dia em que me ofereceu este a mim... Os brincos do marquez... Não era rico, este bom León, mas era um verdadeiro gentilhomem. Na vespresa do dia em que o seu nome devia ser affixado nas salas do club por dividas de jogo... ^{para} não esteve com mais demoras. Um tiro de pistola sobre o coração!... Emfim! duas saphiras de seis karats! Iá é um lindo presente para um pobre diabo a quem o *baccarat* devia ter protegido, necessariamente, na vespresa... As esmeraldas de Veli-Bey... É curioso! como todos os meus bons conhecidos acabam mal! Este foi encontrado um dia estendido sobre um divan, estrangulado por ordem do Khe-diva... Soberbas esmeraldas!... Oh! como isto é pesado! Mas espera!... É o diadema do rei da Lithuania... com o diamante do meio, grosso como a metade do Sancy... É um diamante histórico, minha querida, que os joalheiros da coroa me quizeram comprar quando este pobre João IV casou a filha... Mais feliz que os camaradas, Sua Majestade! Era um pouco usado e gasto, é verdade; mas enfim ainda tem hoje a sua cabellera postica e as suas suassas pintadas... gravadas nos thalers e impressas nas estampilhas!...

E quando tem repetido largamente as suas velhas historias, que todas acabam por uma vergonha ou por um lucto, a Schomberg fechando as caixas aveludadas cuja mole estala com um ruido seco, enfileira-as no cofre d'ebano, onde ficam apertadas umas contra as outras, como caixões n'um tumulo de familia.

Algumas vezes a Schomberg estende a mão ate ao fundo do cofre e tira os objectos mais ordinarios, as joias que passaram de moda ou que já não servem. Estas não tem sufficiente brilho para que ella as reconheça e para que se lembre dos nomes diaquelles que lh'as deram. É a vale commun das recordações.

Manette vem então sentar-se junto da ama; por que ella da-lhe ordinariamente alguns d'estes restos, um anel torcido, uma medalha amolgada, um fragmento de cadeia d'ouro.

Foi assim que uma noute, revolvendo nos restos do thesouro, a criada de quarto descobriu com surpresa um velho dedal de prata, humilde joia de pobre, feita para a honestidade laboriosa, que parece envergonhado de se encontrar ali.

— Um dedal de prata! Que quer isto dizer?

A Schomberg não o pode ver; mas pega no dedal e rela-o por muito tempo entre os dedos.

Num momento, rapido como um relâmpago, fez passar pelo seu espírito todo o tempo em que foi honesta, quando se chamaava Virginia Poirer. Tinha acabado a sua aprendizagem em casa d'uma florista da sua Saint-Denis. Foi o João Baptista, o rapaz que levava as encomendas, que lhe deu este dedal de prata pelo anno bom. Amava a muito, queria casar com ella, e apesar de ter passado o dia em correrias através de Paris, acompanhava a todas as noutes ate a porta dos paes, que eram por-

teiros d'uma casa em Gignancourt. Este bom rapaz de faces vermelhas, esguedelhado, era um marido muito aceitável. Mas os dois não ganhavam oito francos por dia. Como haviam de montar a casa com tão pobres recursos? Esta recusou. Estavam no cinema faubourg Poissonnière, em frente da tabacaria; parou de repente e disse ao rapaz: « Olhe, senhor João Baptista, nunca mais me acompanhe... Decididamente, digo-lhe que não! » Oito dias depois ia para o teatro Montmartre com as companheiras e tornava um amante. Pobre João Baptista! Mais um que morreu por ella! Seis meses depois quando já fazia parte dos coros d'um café concert, com o Rigolboche, — hein! como o tempo passa — o rapaz asfissiava-se como se fosse um costureiro, deixava a nume cadeira, ou lhe da cama onde o achariam morto, um papel com estas palavras: *Morreu por causa da Virginia por quem tinha uma amizade superior às minhas forças.*

O rosto da Schomberg, — este rosto sombrio da cortezia e da cega, — tornou-se ainda mais sombrio que de costume; e deixou cair o dedal de prata no fundo do cofre.

— Encô, minha senhora, exclama a criada de quarto rindo tolamente... não se pode saber... o que isto é?

E a Schomberg, fechando bruscamente a tampa do cofre, responde em voz baixa, com o acento carregado dos faubouges que nunca pude perder:

— Isto... isto não é nada... é a minha mocidade!

François Copie.

NOTAS E IMPRESSÕES

Ho velho estava ao meu lado no café Riche. O criado, depois de lhe ter descripto todos os pratos, perguntou-lhe o que é que desejava:

— O que eu desejava, disse o velho, é que eu desejava... era ter um desejo!

Era a velhice, este velho.

Ha centos maridos de mulheres bonitas, tão grossas e tão materiais que se podem comparar a estes pregoes de leito mostrando e mechendo, sem as querer, nas mais belas e nas mais delicadas cousas.

Grandes acontecimentos estão muitas vezes confiados a homens bem pequenos, como estes diamantes que os joalheiros de Paris confiam a garotos.

Ha coleções de objectos d'arte que não mostram nem uma paixão, nem um gosto, nem uma inteligência, nadu senão a vitoria brutal da riqueza.

Uma religião sem sobrenatural, — faz-me pensar n'um anseundo que li ha annos nos jornais — Vinho sem uva.

O que é a vida? O usufructo dum agregado de moléculas.

Nos jantares d'homens há sempre uma tentação para falar a soberzeza na immortalidade da alma.

O riso é o som do espírito: certos risos soam tolamente, como uma metade só é falso. *Emerson e Junius de CONCOEUR.*

Lei-se n'um jornal: Encontraram no fundo de rio o corpo d'um soldado contido em bocados e metido dentro d'um saco, « que excita toda e qualquer ideia de sujeito. »

A primeira metade d'uma vida passasse a desejar a segunda; a segunda a chorar a primeira.

A razão humana é uma coisa bem divertida na vossa boca, como na boca de toda a gente. Não tem razão, quer dizer: não pensa como eu. Tanto razão, significa: é da minha opinião.

A. Kast.

A opinião publica. Um homem de trinta annos seduz uma menina de quinze annos — é a menina que fico deshonrada!...

Streicher.

O homem na família deve ser um magistrado; a mulher na família, uma sacerdotisa e um ídolo.

Prostib.

O que vulgarmente se chama uma menina bem educada, é um rapariga muito mal educada, uma mulher inutí.

Prostib.

Canibis. — Então! tu não vens ao enterro de Z... Olha que vão todos os artistas.

Calino. — Que m'importe! Só vou ao enterro das pessoas que eu sei que não há de faltar ao meu.

Tenho visto sempre as multidões julgar as coisas pelo seu lado tolo e correrem para o absurdo como o ferro para o iman.

Para a sociedade, o homem obeso que quebra uma cadeira quando se assenta é um ser pugnoso a quem nada resiste. Avalia o valor do sobrio pelo tamanho dos seus oculos; o gênio d'um capitão pela altura do seu penacho; e a alma do patriota pela sonoridade da sua voz.

Não me falem da multidão: é um bom boi para puxar um carro, mas incapaz de conduzir. Este boi é inconsciente da sua estupidez, e é esta a sua força. No momento em que puxa com mais força sob o peso da canga é que ele imaginede triunfar com mais brilho.

O sublime e o delicado são como as montanhas muito altas e os grãos de areia muito pequenos que a multidão não pode apreciar à vista desarmada.

O que convém pois na vida, para se ser estimado, é uma inteligência media, nem muito subtil, nem muito espessa, nem solida, nem gorda, mas entre as duas... líquida, se quizerem; é uma sábia mistura de asneira e de finura, de senso comum e de bom senso... doce e amargo ao mesmo tempo.

Gustave Droz.

NO SALON

Entre os artistas qui expõem este anno na exposição de belas-arts de Paris encontram-se os nomes d'alguns artistas portugueses e brasileiros que apresentam trabalhos do mais subido valor.

A Ilustração deseja publicar nas suas páginas tudo quanto seja sympathico aos dois países a que se destina dirigindo-se aos expositores portugueses e brasileiros pedindo-lhes a sua colaboração e a reprodução pelo lápis dos

quadros e esculturas que hoje se admiram no Palácio d'Industria.

Os amigos artistas responderam ao nosso convite com uma adesão sympathética, e o primeiro croqui que nos chegou da mão d'um Amador, o distinto pensionista do Brasil em Paris, croqui que vamos publicar no proximo numero da Ilustração.

Os outros trabalhos serão publicados sucessivamente.

PETERS



HERSTOJK.

S e nós fossemos passar o verão para o exterior da França?

ALBERTO.

Descobre-me um buraco onde haja bons cigarros e onde não haja sitios aportugais no guia do viajante, — e sou o seu homem.

HENRIQUE.

Hei de procurar. — Se nós fossemos a Londres?

ALBERTO.

Obrigado. Uma terra onde haja quase tantos ingleses como em Nápoles!

THOMAZ.

Vamos à Suíça.

ALBERTO.

Uma república de escala judeus!

THOMAZ.

Se nós fossemos a Constantinopla?

ALBERTO.

E se tu fosses para casa do diabo?...

ADOLPHO.

E verdade, ó Alberto, não és tu que vens não sei d'onde?

ALBERTO.

Creio que sim, da Alemanha... Campões que fumam por cachimbos de porcelana; muitos diplomatas: uma caneca decerveja sobre um volume de Schiller; é um sol que Deus assoz vezas por anno... É a pátria dos conchileiros aulicos, dos sobrecascos de alamares e das camas sem cortinas... Eis as minhas impressões de viagem.

CARLOS.

Tu estiveste o anno passado em S. Petersburgo?

ALBERTO.

E ha dois annos no Cairo.

THOMAZ.

Para que diabo é que tu viajas?

ALBERTO.

Já me interrogou sobre o mesmo assunto.

— Para ter um motivo para voltar!

CARLOS.

Sabes que podes escrever um bello volume com a historia das tuas viagens?

ALBERTO.

Sei, — mas li d'Alembert: Os viajantes são os livros dos convalescentes: embalam docemente o leitor.

THOMAZ.

Quem quer vir no domingo ao campo?

CARLOS.

Em que sitio é o idílio?

THOMAZ.

Passam-se as barreiras. Encontrarei uma rústica taverninha, coberta de verdura, como um Bacchus antigo! — Peleja de hospitalidade! Quando são dois, — bons contas boas... não se dá mais do que um copo...

ALBERTO.

Acho lindo... mas só nos romances! Um encontro de dois amores que vão comer na mesma gamela!

ADOLPHO.

Dá cá um charuto.

THOMAZ.

Voltaria a casa de madame de S.?

ALBERTO.

Não. Uma sociedade tão misturada como às mezas dos hotéis. Havia sujeitos que lêem... disseram-me que eram versos. Ela também lê. Um horror!

HENRIQUE.

Quem viu a nova magica?

ALBERTO.

Um triste *vaudeville!* — Sonhei sempre em fazer uma magica. Vocês sabem que é o diabo, uma magica?... É preciso ser-se um *poeta* d'impossíveis, chimerico a toda a brida, idólo como um sonho e louco como um pesadelo... seriam precisos dois, trez alfaiates que se chamassem *Callot, Goya...*

THOMAZ.

Perdão, Alberto. — Carlos, como vai a tua Lydia?

CARLOS.

Meus senhores! Lydia atirou-



se ao rio louca d'amores por mim... Escrava-me, pedindo-me duzentos francos para se poder engravidar!

HENRIQUE.

Respondeu-lhe?

CARLOS.

Respondeu-lhe que me tinha mudado... O Alberto. Queres-te casar?... 150,000 francos de dote.

ALBERTO.

Gostas dos jardins desenhados por Nôtre?

CARLOS.

Justamente o parque do papa é uma das suas criações.

ALBERTO.

Não é verdade que há grandes ruas fazendo ângulo recto?... As árvores são talhadas a pique, verdadeiros muros... Geometria pitoresca... As pessoas que vaguem pelas ruas, as ondulações do tecto, os recantos verdes, as linhas de buxo, o lago, o repuxo, tudo... tudo já estamos fartos de ver apenas se entra o portão... Ah! meu caro, prefiro ainda, ainda um pouco o jardim inglez, os pedaços de horizonte, as surpresas e os encontros, um véo verde ao voltar d'uma rua, os massigos que se não esperam, o parque que tem o ar de ter

D. FERREIRA D'ARAUJO

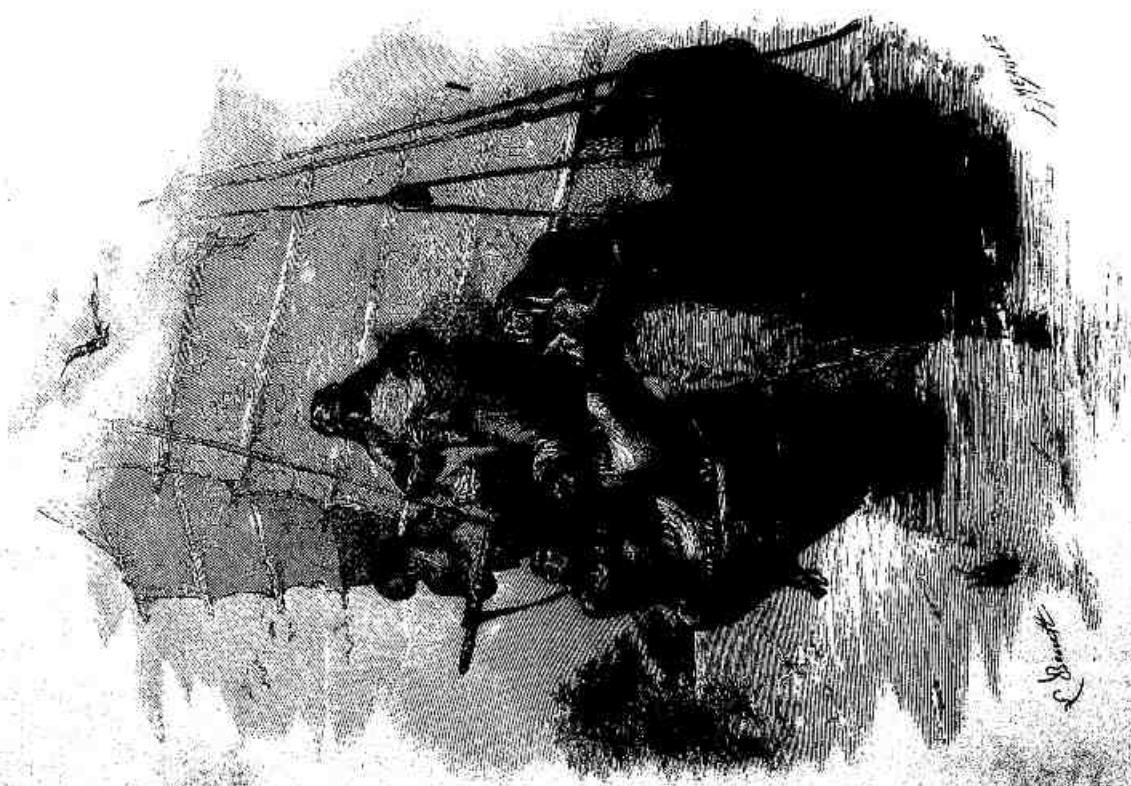
Redactor principal da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro e autor do novo livro *Costas políticas*.



A CASA ONDE MORREU GAMBETTA



Chinês soldado - Júnto



Anônimas assobiando para chamar o vento.

NO TONKIM

A. ILLUSTRAÇÃO

que desenhado por um acaso, o imprevisto d'uma vigasão livre, o que faz com que eu agradeça, mas que continua a ser rapaz.

HENRIQUE.

Querem saber? viajai hontem em caminho de erro com um sujeito que dava nós no lenço para melhor se lembrar dos pontos de vista!

CARLOS.

Ja sabem que o Rodrigo voltou da Califórnia?

THOMAZ.

E o que é que trouxe?

CARLOS.

Dois moedas de cinco francos em ouro...

THOMAZ.

Encontrei hontem Berthold.

CARLOS.

E então?

THOMAZ.

Continua a frequentar a alta sociedade.

ALBERTO.

Pensar que ha em Paris dez mil mancebos que fazem a barba todas as manhãs, que compram luvas, que se vestem, que saem de suas casas ás dez horas da noite, façam o frio que fizer, que cumprimentam; que dansam seis horas a fio, que conversam com os pares, e que fazem isto mesmo, todos os anões, durante oito meses... e para que? tudo isto para que? para agarrarem e comerem de pe, o chapéu numas das mãos, incomodados, apertados, os braços sem se poderm mover, um bocado de galantine trufada que não vale meio franco; — e pensar que se estes dez mil mancebos deixassem de ambicionar este bocado de galantine trufada, as lojas fechavam, o comércio paralysava, e tudo isto provocaria a crise comercial mais espantosa que se tem visto!...

THOMAZ.

Qual de vocês acredita nos homens de mau olhar?

CARLOS.

Ah! ah!

THOMAZ.

Não... Falso seriamente.

ALBERTO.

Acredito se vocês quizerem nos assignantes de certos jornais, no espírito dum fulano de tal, no successo d'uma peça que seja literaria, na minha nomeação para a Academia, na minha consciencia de jornalista, na amizade dos meus amigos, e ainda na escola do bom senso... mas quanto a mau olhado sou como o Credo de Voltaire: creio nos agitadores e nos tratantes!

ADOLPHO.

Eu, porém, acredito no mau olhar, por que acredito em Peters.

HENRIQUE.

Peters, o pintor?

ADOLPHO.

Esse mesmo!

ALBERTO.

Acaso jantaria elle á mein noute, no cemiterio Montmarrie?

ADOLPHO.

Ainda hontem, no theatro: apparece no corredor das cadeiras, ve-me, cumprimenta-me... Coisa de que nunca se lembrou! — Que um homem morresse com uma apoplexia ao meu lado, nadia tem de extraordinario... Mas no instante em que elle de novo me olha, um guarda-chuva — notem que estave uma noute soberba, um céu que prometia bom tempo pelo menos por oito dias — um guarda-chuva cas das torinhas d'um modo tão homicida e tão perpendicular que por um tilde me não mata! E notem que a comedie caminhava docemente para as decências do desfecho. Os actores diziam regularmente a causa. Galante-

mente, o publico escutava; benevolamente, os criticos julgavam. Alongavam-se as caras dos inimigos do auctor. Os hemistichios marchavam a passo firme e tranquillo, como burros de montaña, n'um silencio de bona composição... O meu Peters deita um olhar para a scena; zás! foi como a varinha das fadas do mal! A peça desmaiá. Cumprimento-se este verso e aquele, e esta ideia, á esta scena, como se fossem velhos conhecimentos. Um cavaleiro assóe-se. A grande acunha tropeça nos vestidos. O ponto atingiu mais alto. Os criticos do balcão começam á deitar o binocular para a sala. Madame de R... entra. As mulheres voltam-se nos fundos dos camarotes. O silencio de ha pouco começa a tagarelar. O panico desce sobre um desastre. — Peters sae no quarto acto. A attenção volta n'um momento. Os criticos escutam. A grande actriz causa calafrios na sala. Sucesso em toda a linha! — Peters entra no quinto acto. Fiasco completo! (Entra Roberto).

HENRIQUE.

Ahi está o Roberto.

CARLOS.

Donde vens?

ROBERTO.

D'almoçar em casa de Verdier que nos tinha convidado.

CARLOS.

Bravo!

ROBERTO.

Pois sim... um almoço d'alhos! perdiz trufada com alho... Nem sinto a lingua... Uma sédel... Tambam, bebemos-the...! — Por que não vem vós ás esta noite ao baile de B... Muito divertido! Perdi lá na ultima noite uns quinhentos francos. — De que estavam fallando?

HENRIQUE.

De Peters.

ROBERTO.

De Peters? Oh! com mil demônios!

ADOLPHO.

Não é verdade que é um jettator?

ROBERTO.

E de que forç... Tão jettator que os convidou a todos para jantarem comigo na quarta-feira, e já tenho a certeza que n'esse dia só hei de fumar maus charutos, encontrar credores, assistir á noite a um mau espectáculo, ceiar ao lado de inglezes, e embriagar-me á segundo garrafão de champagne!... Quem é que se lembrou de fallar em Peters? Por acaso virá aqui? O que é que elle quer?... Mas é perigoso, é doentio, pavoroso d'homem que é doentio! fallar n'esse homem!

ADOLPHO.

E este doido do Carlos que lhe quer encotrar o seu retrato.

ROBERTO.

Meu caro, esse homem faz-lhe o seu retrato. Perfectamente. Mas lembre-se do que lhe vou dizer. Supponho que tem um no de quem ha de herdar, o seu tio, dentro de seis meses, casa com a cosinhaira. Supponho que tem uma ligação qualquer; essa ligação tornar-se-ha uma cadeia. Supponho que tem um cão da Terra Nova, há-de-lhe roubar; um iernão de leite, ha de ser condenado as galés; um cavalo, ha de partir uma perna; uma assignatura na Opera, há-de cantar a Sonambula em toda a estação; amigos, há-de-lhe pedir dinheiro emprestado; cearas, há-de ser queimadas pela geada; botas de polimento, há-de-se cortar; uma doença, há-de recomendar; um medico, ha de dar cabo do señor! — Meus amigos, A caixa de rapé de Peters e...

HENRIQUE.

Mas como é o vosso homem? Possue por acaso o olhar fatal de Antony?

CARLOS.

O ar de todos os traidores...

ALBERTO.

Uma voz de caverna, uma gueirinha preta e a sobrancelha circumflexa?...

ADOLPHO.

Bem se vê que nunca estudaram o gênero. O meu Peters nada tem de truculento. Não cheira a melodrama, palavra de gentilhomem! O meu jettator tem a linha d'um honesto burguez, movimentos placidos e quasi timidos, e physionomy adocicada, a palavra mellifluous, o gesto unctuoso: nada de grande manto! Tem uma sobrecasca, e cabellos amarellos, sim, meus amigos, sim, amarellos, cabellos amarellos. E depois os olhos redondos e salientes, olhos azuis, olhos á flor do rosto, e como que rolando lentamente sobre um eixo. E por cima de tudo isto, o monstro é muito docil, obsequioso, agradável, vindo ao encontro das pessoas, como se fosse o bofe d'um peixe... E dizem-me que tem uma colleção de cabeças d'homens que foram guillotinados... cousa admirável! Conhecem Montgeron? Possui fallelhhe de Peters.

ROBERTO.

E se soubessem como pintar... É um Rembrandt com pesadelos! D'alleluia vi um quadro, nem já sei onde foi. Representa uma janella da Escola de Medecina onde ha uma fileira de fétos. Um gato agarra um, e foge, levando entre os dentes, como se fosse o bofe d'um peixe... E dizem-me que tem uma colleção de cabeças d'homens que foram guillotinados... cousa admirável! Conhecem Montgeron? Possui fallelhhe de Peters.

CARLOS.

E a esse, o que lhe fez?

ROBERTO.

O anno passado, no steeple-chase, Montgeron montava Trilly. Galigau a valia, Montgeron passa Emilius que era primeiro. Proximo da barreira Peters diz: « Muito bem salta este señor Montgeron! Trilly cai e rebenta; Montgeron quebra uma perna. O cavalo tinha-lhe custado 500 luizes!

CARLOS.

Começo a ter dó de Peters! Parece-me um bode expiatorio... Caece d'um cavalo, é culpa do Peters; uma peça cae, é Peters; chove, é Peters; está frio em Longchamps, é Peters; acham na cabeça cabellos brancos, é Peters; encontram o omnibuschios, é Peters; embriagam-se, é Peters; caem de cima, é Peters; o vosso tabellão mandava uns carta de quatro paginas, é Peters; o vosso jornal começo a publicar uns serie de artigos sobre a produçao agricola, é Peters...;

ALBERTO.

As bofetadas que se dão, os molhos que se azedam, os damascos que faltam, Voltaire que se reimpõem, as batatas que estão com o mal, as baleias e as porcelanas de Sévres que se tornam raras, os homens de letras e os originaes de Raphael que se tornam muito numerosos, as geadas de março, os cachimbos que se entupem, as mulheres que choram, os vidros que se quebram, o sal que se entorna, os livros que se não vendem, as contas do boticario, Peters! Peters! Sempre o mau olhar de Peters! — Por um pouco que não afirmem que, se tem havido barricadas, a culpa é também de Peters que olhou para as pedras da rua!

ROBERTO.

Um bom conselho. Não escreva nunca o nome Peters. Por que virá collocar-se todas as manhãs em frente da sua porta, e ha de encarar-o quando sair, e ha de ver de vez em quando a bella chaminé que lhe cas em cima da cabeceira. Espere por tudo, mesmo ser queimado vivo como mademoiselle B... Peters salha temido já dada uma ligio de desenho a mademoiselle B... Mademoiselle B... aproxima-se da chaminé para sacudir

o avenal que estava sujo de caixão. Pega o fogo no avenal; mas há tempo de se lançarem sobre a criança e de a rolarem no tapete. Peters ouvindo os gritos de mademoiselle B... torna a subir; empurra a porta: a chama, como se a tivessem regado com petróleo, aumenta, desenvolve-se, corre; e mademoiselle B... morreu queimada sem lhe poderem prestar o menor socorro!

ABOYERIO.

Finalmente, meus amigos, este maldito só uma vez na sua vida o chamaram para ser testemunha d'um duello; os dois adversários cahiram, ao mesmo tempo a fundo e ficaram ambos no campo!...

o criado, entrando.

Está lá fora uma pessoa que lhe deseja falar.

CARLOS.

Pergunte-lhe como se chama.

GUADAO.

O Sr. Peters.

KOHENMUTH.

O Sr. Peters!...

ALBEKTO.

Aqui está o que é chegar apropósito.

ANOMALIO.

Meus amigos, se este parágrafo entrou aqui dentro, amanhã diminuem os ordenados e o preço da colaboração, eu metto uma balha nos miolos por amor, e as peças d'ouro da caixa transformam-se em folhas secas!

CARLOS.

Diga-lhe... hum... diga-lhe que não estou cat!

EDMOND E JULES DE CONCOURT.

THEATROS

VENDANGES SONT FAISSES! Fechou já no dia primeiro um dos teatros de Paris. Acabava a campanha, findam as hostilidades! A Arte e a crítica vão descansar enfim, vão ter os seus dois meses de férias; uns deu já o que pôde, a outra colheu e que lhe conveio. Estú feita vindima!

Paris é uma vinha enorme — hein? que bonita figura e que realista! — onde o número de cepas é contado pelo das suas casas d'espectáculo, onde cada director de teatro é um vinicultor, cada actor uma vide, cada artista um bagó de cacho, cada peça um cacho inteiro, cada crítico um filtrador... Como todas as vinhas de bem, tem um guarda — a Associação dos autores dramáticos; como todas as vinhas da moda, um phylloxera — os teatros estrangeiros!

É curiosa a transformação da rasteira planta em licor preciosíssimo; é mais curiosa ainda a metamorphose d'um embrião de drama em sucesso immortal.

Vejamos: tenho aqui um livro de receitas caseiras. A uva corta-se, pica-se, guarda-se, falsifica-se e bebe-se; o drama, representa-se, critica-se, glorifica-se, traduz-se e conhece-se.

O vinicultor, coitado, curvado sobre o bacelo, com os cabelos no chão e o suor nos cabelos, empregu quotidiano excessos de vida e de bôa vontade em cultivar o vinho que engarrifar e enrotular cuidadosamente se é bom, e que deixará correr com a enxurrada se o trahiu e não prestou. Quanto trabalho, quanta vigília, quanto esforço para afastar cada bagó dos seus cachos do phylloxera, e cada garrafa do seu vinho do baptismo! De que sacrifício não será capaz para tornar ilheas a planta que vai nascer, com que viveu, que creou, que lhe de dar nome?

O dramaturgo?

Com que entusiasmo, com que febre, com que lágrimas mesmo, pensa, desenha, movimenta uma obra que lhe traz cabelos brancos e o esquecimento se o enganou — e que lhe dará a glória, se um dia

merguez a honra de subir a um prado leito com o rosto de:

HERNAN!

IMMOKTAI.

como um bon garrafão de vinho velho que marcou:

PORTO

1750

O Vinicultor e o Dramaturgo nasceram decididamente para se encontrar n'este vale de Inglaterra! Parece uma utopia; é um facto. Vejam-nos, ambos acariciando a sua obra, ambos inoculando-lhe a sua seiva, ambos glorificando com elle, ambos lirando-o do mal, ambos ambicionando... prateleira! Paus um e outro são communs os cuidados, são communs as sensações e são communs o phylloxera e a fúrica! Pergunte à Viúva Clicquot o que mais tem? Ellas responderão — a fúrica. Pergunt a Olímpia que lhes nomeia o seu maior pesadelo? Responder-lhesão o phylloxera.

Invertam ainda em perguntas as respostas e verão que em ambos, em Roederer e em Duress, só ha uma voz *unisona* que diz: — Sim, recebemos o phylloxera e a fúrica! A fúrica, sim, a fúrica representada para os cultores de Bacchus, no tavernero-barato e sem escrúpulo e para os cultores de Thalia como diz qualquer curioso-dramaturgo tradutor inepto e sem vergonha! Ambos a odiaram, a fúrica, e ambos, tem rascas; a uns apodre-lhes vinho que regaram com o seu suor e desprezam-lhes o nome para o substituir com um postigo; a outros, adulteram-lhes a concepção que é entrincheira das suas entrincheiras e escarnece-lhes o nome sobrepondo ao embrião que resulta sempre de tal operação! Uns ao menos, ficam esquecidos, mas outros, outros, os outros coitados, serão conhecidos mas nunca comprehenibilidos!

A colheita porém não foi grande e eu vejo este anno uma pessima estagão para o commercio mesquinho dos vendedores a miúdo!

Saiamos da vinha, entremos no teatro.

Paris este anno só teve no teatro dois verdadeiros sucessos: *Mr. Camarão no Palais-Royal, Matri de Forges no Gymnase*. Peças levadas à centena como *Roi de Carente, Oiseau bleu, Pot-Bouille* tiveram apenas (ainda que talvez imprecisamente com respeito a algumas delas) um éxito de *novidade*. Uns ha e que merece atenção particular que chamou a atenção e o apreço geral, mas que não recebeu nunca a sancção do grande sucesso; essa foi *Severo Torelli* que representa entretanto um dos documentos à proposta da immortal feita pelo proprio auctor, François Coppée! N'estas condições o teatro francês, a grande fonte de todos os outros teatros, não pode este anno abusar-se os porqués elle proprio só se sustentou de peças extraídas de romances como um dos sucessos apontados mesmo o demonstra.

A extracção, em França é o paralelo da tradução em Portugal e no Brasil.

Aqui se não ha peças originais extraírem-se os romances, entre nós se as não ha traduzem-se as estrategicas.

Existe, é inegável, entre os vassalos dos dois Braganzas, muito e muito tradutor digno das obras que traduzem e mesmo muitas vezes eguais e superiores a elles, mas eu prefiro sempre e creio que como alguns fundos de ressô, os dramas extraídos pelos próprios auctores do que por arranjadores que os desconhecem. O auctor faz a obra da sua obra e não a de um outro.

Uma coisa, entretanto, me faz desejar um pouco ou mesmo muito a esterilidade dos dramaturgos franceses — que a França me perde — uma coisa e bem importante — o renascimento da literatura dramática portuguesa. Esse renascimento tão auspicioso como nel-o mostram *A Noiva, As Náufragas e o Pão dos Triunfos*, devem-l-o incontestavelmente à França.

Foi tédio este movimento, mas tinha de ser fatal.

A *Comédie*, que é a primeira a contribuir para o repertório do nosso primo teatro, não apresenta producção alguma nova; o teatro francês está decadente, como elles próprios. O declaram bem alto, o ocean inglés et *second en halfings* do théâtre parisiense (como diz Lavallée) cresce, e parece pro-

metter submorgel-o. Durma, desgostoso com a queda da *Princesa de Mogol*, não escreve mais, ao que elle diz; Sardou, pleumônico de plágio em todas as peças que produz, refugia-se no seu château de Marly-le-Roi e traz apontas da sua saúde, do geso dos seus bons rendimentos, e de desmentir um ou outro anúncio de nova peça sua; as quedas são sucessivas; os jornaes desesperam e vêm depois de *Mauro* calhão, seguir-se-lhe *Smilis*, os criticos gritam; os theatros sem peças fazem reprises infrutuosas ou cortam em 5 pedaços os romances de mils vogas e representam os, tento como resultado novos insucessos que vão juntar-se aos anteriores: um tumulto eminil de que não sei como se salvi o teatro francês e muito menos o nosso, com o systema que aí hoje tem seguido de peças emprestado!

Havia pois, um único recurso o original; e foi então que se pensou no original!

Ora grazas a Deus!

Note-se que o não digo que uma peça é mai unica e exclusivamente porque é francesa; isso era uma heresia. O que digo e o que desejo accentuar bem é que admito mais depressa um mau original do que uma boa tradução de uma má peça estrangeira. Uma peça francesa não prejudica o nosso publico quando vasada em bons moldes e quando seja uma obra de arte ou de literatura. Scribe, Dumas e Augier não deshonraram palco algum do mundo; mas dramatistas escriptores sobre o joelho e a que poderemos chamar de *Boulevard*, é que elle e a critica (se existisse) não deviam admitir! E muito mais inexorável, do que para elles, deveria ser ainda para com a adulteração das peças estrangeiras de que muitas vezes se desconhece o proprio nome do auctor.

Senão a bon vontade ao menos que o brio nos obrigue a seguir compriously evidentes, as vigorosas diatribes que todos os dias a imprensa francesa nos dirige involvendo-nos no epitheto de ladões e de piratas com que brinca todos os traductores estrangeiros. São esses ladões, (como dizem os franceses) que faturam o drama sem escrúpulo — como o tavernero fúrica o bom vinho.

Que a quinzena proximamente trágassummo menos lastimoso. Este, não é brincadeira, faz chorar muito!

J. M.

MEMENTO. — Alexandre Parodi, auctor da *Rome vaincue*, publicou a sua nova tragédia em verso *La Jeunesse de François I* peça que em tempos fôr acusada por Sarah e Dandini e que a *Comédie* hoje rejeitou por unanimidade. O poeta dedicou-a V. Hugo de quasi receber a seguinte carta:

A monsieur Alex. Parodi. C'est une maîtresse tueure que vous n'envoyez... Donnez-moi le joie de sentir la main qui a écrit ces belles et nobles pages.

Victor Hugo.

A recusa da tragédia representa um sucesso para o livro! — Os Goncourt apparecerão novamente à luz da rampon. O Odeon tencionava montar o seu *Henriette Mardon* calhão resiliemente em 1865. — M. Dion-Boucicaut, dramaturgo inglês, este acabando uma obra curiosissima que intitulou: *Mes idées sur les auteurs de mon temps*. Sem fôr extremamente sensato e justo M. Dion provava mais uma vez que são as peças inúteis que os officiais do mesmo oficial. — *Rip-Rip* é o nome de opereta de R. Planquette que vai ser representada no *Folies-Dramatiques* e que se estreia com grande éxito em Londres sob o nome de *Rip-Van-Winkle*. Os franceses esperam com ansiedade esta exportação. — Beethoven, Schubert, Gluck e Haydn vão ser reunidos num só jazigo no cemiterio central de Viena. — Moreau Michel. Cesta que foi regente da orchestra do *Comédie* Garden e auctor das operas *Malvina* e *Dom D. Cásio*. A principa calhão em Paris sob o nome de *Malibó*, a segundo passo, sem grande êxito. Que as operas lhe sejam leves! — Faleceu M. Scribe, viuva do célebre dramaturgo francês, deixando um importante legado à Sociedade dos autores e compositores dramáticos. — Está viuva também Mme Justine, a célebre actriz da *Variedades*. — As recentes novas que vão entrar em cena nos teatros de Paris são as seguintes: *Comédie — Autre temps*; *Deputado de Béthune*; *Saint-Martin*; *Malibó*; *Odeon*; *Alhambra*; *petit Poucet* (magica) — *Vaucluse*; *António*; *Bouffes*; *Rip-Rip* e *La Jeunesse de François I*. Os outros teatros vão fazer reprise de *Todis Despina*, *Spunca*, *Chateau de papie d'Italia*, *Hebe*.

A *Imprensa* Geral — E. Monfliel.

PARIS. — Mr. F. Nodier, 160, rue de la Paix. — 1750.



O SIMOUN

A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

DIRECTOR: MARIANO PINA

AGENTE NO BRAZIL

GAZETA DE NOTÍCIAS. — Rua do Ouvidor, 70. — RIO DE JANEIRO

AGENTE EM PORTUGAL

DAVID CORAZZI. — Rua da Atalaya, 42. — LISBOA

EDIÇÃO PARA PORTUGAL

PREÇO DA ASSIGNATURA

| | |
|-----------|-------|
| Anno | 3.400 |
| Semestre | 1.200 |
| Trimestre | 600 |
| Avulso | 100 |

EDIÇÃO PARA O BRAZIL

PREÇO DA ASSIGNATURA

| | |
|-------------------|--------|
| Anno (Corte) | 12.000 |
| Semestre (») | 6.000 |
| Anno (provincias) | 14.000 |
| Avulso | 500 |

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAMENTE

Escriptorio em Paris: 7, rue de Parme.